

FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA 2021

admonição às leituras

(antes da primeira leitura)

A primeira leitura apresenta-nos um belo comentário ao quarto mandamento: honrar pai e mãe. A família é lugar onde aprendemos a honrar-nos como pessoas, seja qual for a situação: seja na ignorância infantil, seja na fragilidade da velhice. Cuidar dos mais idosos traz a bênção de Deus às famílias.

Por isso, respondemos à leitura com o salmo que proclama feliz e abençoado aquele que confia em Deus e cumpre os seus mandamentos.

Escutemos com atenção.

(antes da segunda leitura)

Nesta segunda leitura encontramos um resumo das atitudes cristãs a cultivar na família. Todas as relações humanas precisam de estar submetidas a uma só coisa: a caridade de Cristo, isto é ao amor que dá a vida sempre e totalmente.

E no evangelho temos a família de Nazaré, aquela que nos dá o exemplo de como é possível ser sempre fiel a Deus, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Como esta família santa, aprendemos a estar na casa do Pai celeste, a rezar-lhe diariamente e a confiar-lhe toda a vida familiar.

Escutemos com atenção.

homilia

"imitando as suas virtudes familiares e o seu espírito de caridade"

Na oração colecta desta missa, pedimos que a Sagrada Família fosse para nós um modelo, imitando as suas virtudes familiares e o seu espírito de caridade. É precisamente do amor que é caridade que o Papa trata num dos capítulos da Amoris Laetitia, intitulado "o amor no matrimónio".

Recordo que, na primeira catequese que fiz sobre a família, vimos os desafios que são levantados à família no nosso tempo. Além dos desafios permanentes, o Papa recordava o desafio mais recente colocado pela 'ideologia de género', que põe em causa a própria raiz antropológica do ser humano. Essa raiz antropológica está ligada à noção de ecologia humana, no sentido de que o ser humano tem também uma natureza, que precisa de ser respeitada. A distinção entre feminino e masculino é um elemento 'ecológico', natural ao ser humano. Não faz sentido a liberdade pessoal negar a sua própria ecologia, para definir a sua identidade.

Na segunda catequese, olhámos para o matrimónio como sacramento, e recordávamos que se trata de um dom de Deus. Vimos a unidade e a indissolubilidade do matrimónio como dons. A unidade –

um e uma, não é monogamia – da qual decorre a fidelidade, é um dom, que promove a igualdade dos esposos, e fortalece o seu desejo de serem fiéis um ao outro em tudo. A indissolubilidade é um dom, para que o desejo dos esposos de se amarem para sempre, possa realizar-se mesmo nos momentos mais difíceis da relação.

No passado Domingo, viamos a perspectiva da fecundidade no matrimónio. Recordámos o papel dos pais na geração dos filhos e na sua educação e transmissão da fé. O Papa recorda que ter filhos não pode ser apenas um capricho dos pais, nem apenas uma opção exclusivamente decidida pelas circunstâncias pessoais ou materiais. É uma verdadeira vocação, é um chamamento que Deus faz aos Pais para terem filhos. No que toca à educação, o Papa insiste várias vezes em que os pais devem tomar a liderança da educação dos filhos. Não podem demitir-se da sua missão, nem podem deixar que alguém os queira demitir.

Hoje termino este grupo de quatro catequeses olhando para o capítulo IV da *Amoris Laetitia* onde o Papa fala do amor no matrimónio.

Coincide que neste capítulo o Papa faz um comentário ao texto que escutámos hoje, na segunda leitura, sobre as mulheres serem submissas aos maridos e os maridos amarem as suas mulheres. Sublinho dois aspectos referidos pelo Santo Padre:

– a palavra submissão é usada para a relação fraterna entre os cristãos: " submetei-vos uns aos outros" (na carta aos Efésios, que tem o texto paralelo a este)

– o que se diz do marido e da mulher precisa de ser entendido no campo da reciprocidade, de tal modo que ambos se submetem um ao outro, e ambos dão a vida um pelo outro (Efésios).

Portanto, nada de interpretações machistas nem feministas destes textos, mas antes a sua interpretação cristã, dentro do ensinamento de Jesus sobre o amor e a obediência à vontade do Pai. Reparem como no texto que escutámos, estes conselhos 'familiares' vêm no seguimento dos conselho gerais a todos os cristãos: sede misericordiosos, bondosos, humildes; com mansidão, paciência, perdão, e enfim, a caridade acima de tudo. É nesta maneira cristã de se relacionar entre pessoas, entre irmãos na fé, que tem de ser vivida a relação entre marido e mulher.

E é isto que o Papa Francisco desenvolve neste ponto da exortação apostólica.

[1. caridade]

O ponto de partida é aquele amor com que Cristo amou a sua igreja e se entregou por ela: esse amor chama-se caridade (é uma expressão técnica, para designar um modo específico de amar, definido por Cristo). Ora, é a este nível de amor – a caridade – que os

esposos cristãos são chamados pelo sacramento do matrimónio: entregarem-se um ao outro, darem a vida um pelo outro.

Certamente que é uma meta muito elevada, reconhece o Papa, mas é uma meta que os orienta, e não deve ser vista como um fardo que os oprime. O Papa usa muitas vezes a palavra 'processo'... o casal está em processo de ser como Cristo, o casal está em crescimento. Ninguém começa a partir da meta, mas começa da tua realidade, com as tuas limitações, os teus pecados, as tuas feridas... o importante é olhares para Cristo; é o casal olhar para a caridade de Cristo, e pôr-se a caminho, com alegria, com esperança, com vontade. O amor de Cristo vivido no matrimónio é uma boa notícia, uma alegria, para um homem e uma mulher que desejam realmente viver unidos e fiéis, para toda a vida.

[2. amizade]

O Papa refere também a amizade conjugal. Crescer na amizade é crescer no respeito, na reciprocidade, na igual dignidade. Dois amigos partilham tudo, conhecem-se, são sinceros, preocupam-se. Esta dimensão é-nos facilmente compreensível, mas sabemos que nem sempre é fácil. Por vezes o casal não cresce na amizade pessoal, e limita-se a cumprir os 'deveres conjugais' e os 'deveres de paternidade'. Mas precisam de ser verdadeiramente amigos. Há uma aprendizagem a fazer, constantemente, para que o casal cultive entre si uma relação de amizade.

[3. a paixão e o erotismo]

Um terceiro aspecto é a dimensão da paixão. Aqui entra toda a linguagem do erotismo, da atracção, do desejo, dos sentimentos, dos instintos. Para compreendermos o seu significado, o Papa recorda que a sexualidade é da vontade de Deus: Ele criou o ser humano masculino e feminino. Toda a linguagem da atracção é natural e boa. O que torna má a sexualidade não é ela mesma, é sim a intenção com que ela é utilizada. Vale a pena recordar aqui as palavras de Jesus: "quem olhar para uma mulher desejando-a"... o mal está precisamente neste desejo desorientado, descontrolado, egoísta, que quer roubar algo de alguém.

O que fazer, então, desta dimensão erótica do instinto, da atracção, do desejo? O segredo é a integração. No matrimónio, todo o ser da pessoa precisa de estar integrado, orientado, dinamizado para a relação conjugal, de tal forma que a linguagem da atracção física esteja também ela ligada ao amor de amizade conjugal e à caridade conjugal. Quando estas dimensões diferentes se desligam, aí é que a sexualidade fica reduzida a um instrumento de prazer egoísta. Quando estão ligadas, a sexualidade é a mais bela concretização do amor divino numa relação humana. A sexualidade precisa ligar-se à amizade e à caridade conjugal, para oferecer a verdadeira alegria e o verdadeiro prazer da comunhão íntima entre homem e mulher. No matrimónio cristão é esta a meta oferecida aos esposos, para que possam alcançá-la e experimentar a autêntica felicidade.

[4. o tempo]

Finalmente falamos do tempo que passa. No casal que cresceu em amor de amizade e em caridade conjugal, há frutos muito belos de um amor amadurecido pelo tempo (o Papa diz que o amor verdadeiro é também como o vinho... envelhece para melhor). Esses frutos são a boa relação pessoal, o gosto de estarem um ao outro, a entreaajuda, a atenção que têm um pelo outro.

Enfim, a Eucaristia que vamos celebrar liga-se directamente ao Matrimónio, porque ambos são sacramentos de comunhão. Cristo é o esposo que dá a sua vida pela sua esposa, a Igreja. Assim, o casal que olha para Cristo, aprende a amar e a amar-se como Cristo.

É essencial rezar diariamente em casa, e rezar em família, e rezar em casal. Quando rezam os dois, há muitas coisas que se iluminam e se enquadram de maneira diferente para melhor.

O casal que vem habitualmente à missa, está a alimentar-se daquilo que precisa: a graça de Cristo; o caridade de Cristo; a vida de Cristo.

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo.